

Jéferson Diogo de Oliveira Santos
Psicólogo e Artista.
Mestrando em Educação (UNISC). Bolsista CAPES PROSUC II. Pós-graduando em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). contato: criartepsi@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0002-3012-6176>.

Oito de Copas: O ateliê como espaço/estado de iniciação do artista-mago

*Eight of Cups:
The studio as a space/state for the
artist-magician's initiation*

Resumo: O artista. O xamã. O mago. Todos os três criam em seus espaços sagrados, seus círculos mágicos. O presente trabalho visa tensionar as práticas a partir do artista-mago, reaproximando distintos modos de fazer e experimentar a vida. Partindo do ateliê como um espaço de criação de si e do mundo, através de uma metodologia de pesquisa em artes, acompanhamos o trabalho de criação pela minha própria jornada de formação como artista-mago. Construindo obras e produzindo escritas, percebo o ateliê como um espaço/estado que me inicia enquanto artista-mago e pesquisador. Como um ser que tensiona mundos, trago a performance como um processo de cura psíquica.

Palavras-chave: ateliê; artista-mago; pesquisa em artes.

Abstract: The artist. The shaman. The magician. All three create in their sacred spaces, their magic circles. This work aims to tension practices based on the artist-magician, bringing together different ways of doing and experiencing life. Starting from the studio as a space for creating oneself and the world, through an arts research methodology, we follow the creative work through my own journey of training as an artist-magician. Building works and producing writings, I perceive the studio as a space/state that initiates me as an artist-magician and researcher. As a being who tensions worlds, I approach performance as a process of psychic healing.

Keywords: Studio; artist-magician; art research.

Acendo uma vela, intencionando criar um ambiente ideal para minhas criações. Artísticas, mágicas e pessoais. Ao preencher o espaço do ateliê com sua luz, crio um círculo mágico, tensionando o espaço físico. Entro em estado de ateliê. Meu corpo relaxa, mesmo com a cera escorrendo por minha pele. Eu me torno um artista-mago.



Figura 1. Performance/Psicomagia Rito de Abertura. Fonte: Arquivo pessoal.

Este trabalho se origina em meu próprio processo de criação. Durante alguns meses me envolvi no caminho do artista-mago, um curso/acompanhamento com o artista Nadam Guerra. Tal caminhar se fez enquanto pesquisa ao transformar minhas percepções sobre mim enquanto artista, pesquisador e pessoa. Assim, eis aqui o resultado sintetizado de um olhar sobre como constituo meu ateliê, vaso que sustenta minhas criações-pessoais e do mundo.

I Inícios: O Artista-Mago e suas Ferramentas

Assim como a carta do oito de copas no tarot representa, dentre muitas coisas, uma jornada iniciática, trato a presente escrita como um processo de iniciação, embarcando em uma jornada de criação artística e mágica, tornando-me simultaneamente um artista-mago pesquisador.

O artista-mago, como trazido por Damasceno (2019) é um conceito mercurial, que possui muitas formas e que abrange tal fluidez que não fecha em si uma determinação de algo *a priori*. É um *entre* no sentido de aproximar duas áreas do conhecimento que produzem criações – a arte e a magia. Uma materializa motivações pessoais e sociais que dão sentido ao fazer, a outra, dá forma a imagens de uma camada inconsciente da nossa dimensão psíquica. Uma não existe sem a outra.

A egrégora iniciática deste trabalho pressupõe uma trajetória de criação artística e de escrita, sustentada a partir de uma metodologia de pesquisa em artes, que reconhece tal forma de construção de conhecimento como “um trânsito ininterrupto entre prática e teoria” (Rey, 2002, p.125). Considero tal ‘modo de fazer’ como a principal forma do fazer artístico enquanto ferramenta de pesquisa, sendo inviável pensar a produção autoral a partir de meios outros de fazer pesquisa.

Considerando esta pesquisa minha caminhada iniciática no caminho do artista-mago, crio a partir de tal metodologia um mapa para traçar a pesquisa. A pesquisa realizada, em que parte vira esta escrita que agora faço, inicia com a prática artística realizada junto ao curso/acompanhamento *Arte do Tarot e o Caminho do Artista Mago* com Nadam Guerra. Nas diversas práticas e exercícios realizados, imagens surgem, transformando-se em cartas que irão compor um oráculo. É através deste registro que construo como obra e como escrita, possuindo uma espécie de diário-registro, como proposto por Cattani (2002).

Buscando investigar o espaço/estado do ateliê em minha jornada enquanto artista-mago, vou realizando ainda, registros de meus rituais diários, que ocorrem de distintas maneiras, desde práticas meditativas até experimentações artísticas. Além da reflexão e registro, tal material obtido vai constituindo-se como um caderno de artista, possibilitando que novas e futuras obras sejam pensadas a partir do conteúdo que ali vai se marcando. Olhar para minhas imagens produzidas, compreendo-as como oriundas de uma camada inconsciente, está diretamente na mesma frequência que a proposta do artista mago e da produção permeada pelo acaso (Cattani, 2002).

A percepção de que eu já me tornara um artista-mago surge quando compreendo meus rituais meditativos e as imagens que eu produzia em terapia como obras geradas nesse inconsciente, nesta dimensão espiritual por onde o mago pode transitar livremente. Tanto Jung (2008) quanto Cattani (2002) referem que a imagem inconsciente e a obra devolvem nosso olhar, significando como uma criação para além daquilo que planejamos. Entendo qualquer obra artística como uma imagem inconsciente que é maior do que nossa consciência, se fazendo como vida autônoma, independente de nossa existência para alcançar o mundo depois de materializada.

Oriundas de um método de criação que permite espaço para o acaso, a sincronicidade e o espiritual, as imagens que produzo (obras) podem ser entendidas como daimons. Ou seja, “um poder divino que se revela através da ação artística” (McNiff, 1992, p.89). A obra de arte é entendida então como um meio de dialogar com uma força além do material, sendo assim possível dialogar com a mesma, método proposto por Shaun McNiff (1992, 2004).

II O Ateliê Como Espaço/Estado



Figura 2. *Carta Ateliê*. Tinta acrílica e guache. Fonte: Arquivo pessoal.

Há algo que sustenta todos os meus processos. Antigamente, costumava pensar que o espaço físico do ateliê que improvisei em um antigo quarto de visitas era o quê me dava base para meus

rituais e criações artísticas. Mas tenho percebido que produzo muito em outros espaços: na natureza, na rua, no ônibus, em pequenos – e grandes – sketchbooks, em outras dimensões... Hoje, surgiu a carta do ateliê no oráculo, partindo de um exercício corporal sobre meus desafios. Penso que, conscientemente, ainda não assimilei o que a carta significa. Mas tomei uma decisão: a de desfazer meu ateliê.

A carta e o trecho acima surgiram em uma semana em que pensava muito sobre meu ateliê. Embora estivesse acomodado em ter um espaço propício para a criação artística, quanto mais eu pesquisava, menos pertencente a tal espaço me sentia. Sentia em minha mente que tudo iria desmoronar. Como poderia eu estar pesquisando sobre o ateliê e querer desfazer de meu próprio? Para onde iriam meus questionamentos? Se o ateliê é o local de nascimento do artista-mago, como eu iria nascer? Mas afinal, o que é um ateliê?

Quando me aproximo da junção entre magia e arte me remeto ao que Moore (2016) exemplifica no processo de cisão entre magia e ciência, que ao se separarem deixam a arte órfã, tendo em alguns espaços que optar por um lado ou manter-se neutra, não correndo riscos para desfazer-se em si própria. Alan Moore é também um artista-mago, produzindo magia com suas histórias em quadrinhos e produzindo arte com seus rituais pessoais.

Esse hibridismo, olhar circular, da magia-arte é o mesmo que encontro na obra de Lygia Clark, ao sentir a necessidade de que seus objetos/obras precisassem ser experimentados pelo espectador. A artista constrói com seus objetos relacionais uma nova forma de fazer arte, uma ancestral forma de processo curativo da psiquê ou, como nomeou Rolnik (1996) um hibridismo arte/clínica. Na obra de Lygia esse processo de cura ocorre em sua própria casa, que transforma-se em seu ateliê.

Historicamente, o ateliê é constituído como um espaço de

aprendizagem, de aperfeiçoamento das técnicas, de prática de liberdade e também como local de exposição das obras realizadas (Zordon, 2019). Em minha prática pessoal, experimento como um espaço coletivo, de construção de si mesmo e do mundo. Ao desfazer o meu espaço pessoal, lembro-me de tantos outros, efêmeros, que construo ao trabalhar em comunidades vulneráveis. Ainda para Zordan (2019, p. 56)

[...] o registro da palavra francesa atelier consta em dicionários a partir da primeira metade do século XIX, quando seu uso era recorrente para designar o lugar de trabalho, individual ou coletivo, dos artistas ou artesões. Advém de *astelier*, no espanhol *astillero*, mesmo radical que *attelle* (*astelle*), estilha ou lasca de madeira, pequeno bastão, haste (do latim *hastella*) ou virola. O vocábulo, no francês arcaico, também era usado para designação do que atua, junta ou mesmo amarra instrumentos e pequenas pranchas, o que situa a palavra, na Idade Média, nomeando o trabalho de carpinteiros, marceneiros, entalhadores, gravadores, ilustradores.

O ateliê é visto então como este local onde é possível aperfeiçoar determinada técnica, explorar combinações, realizar experimentos. Não há um padrão a ser seguido na criação de determinado local, necessitando que acolha as demandas daquele que ali se instala, o artista. Penso ainda que o ateliê se cria a partir da própria criação do artista, de si e de suas obras. Me provoço a pensar se já não seria o ateliê a primeira obra que, enquanto artista, realizamos. E se não seria esta obra erigida na principal matéria-prima que temos à nossa disposição: o corpo.

Penso que todas as pesquisas partem de tensionamentos, e ao olhar para o espaço de criação do artista tensiono sua notoriedade e influência na obra realizada, efêmera ou não. O ateliê estabelece limites de trabalho, de atuação e de performance, dando um norte

para que o artista trabalhe. Da mesma forma, o círculo mágico. Tendo como principal função delimitar as fronteiras de um espaço sagrado para que o mago possa executar sua magia (Kiesel, 2015). Ou seja, fornecer um espaço (físico e metafórico) no mundo material para que ocorram processos transformativos na psiquê humana.

Ao questionar meu próprio espaço físico, desencadeio um processo de questionar minha própria prática pessoal – mágica, ritualística, artística, terapêutica, ampliando a imagem que surge na carta do oráculo, percebo que a chama da vela é minha própria chama interior, uma espécie de energia que preenche minha alma e faz com que meu corpo traga movimento para cada momento. Para Jung (2013) é esta energia, chamada outrora de libido, que carrega os símbolos produzidos pelo nosso inconsciente. Há aqui, uma clara percepção da origem da imagética de cada carta de meu oráculo.

Para acolher estes símbolos, não é o espaço físico que sustenta o processo, como nos processos mágicos. O círculo mágico é o receptáculo que recebe o ritual. Ritual aqui defendido como uma série de atos simbólicos criados a partir de uma intenção (Beck; Metrick, 2009). O círculo acolhe o gesto simbólico assim como o ateliê acolhe o gesto poético e a imagem. Nos manuais de magia da antiguidade, conhecidos como grimórios, há uma série de instruções para criar o círculo, de acordo com o tipo de ritual que o mago queira praticar.

Da evocação de espíritos até processos meditativos, o círculo pode ser criado em qualquer lugar, com distintas materialidades, característica também do ateliê. Sem uma regra fixa de como erigir um ateliê ou círculo mágico, tanto o artista quanto o mago (e posteriormente o artista-mago) contém em si o principal ambiente de criação: o corpo. Voltando para os objetos relacionais de Lygia Clark, me volto também para o corpo e compreendo, através de meu processo de criação que o ateliê é mais do que um espaço físico.

Evoco em minha consciência, então, que o ateliê é um estado de presença. Um corpo que se coloca em determinado espaço – qualquer que seja – em um fluxo de permissão para a criação. É a intencionalidade de criar, ou de estar aberto para que o inconsciente faça morada, que abre as portas deste ateliê como estado de ser e estar. Quando pego meu sketchbook e faço rápidos desenhos, anotações ou rabisco sem pretensão alguma, estou em estado de ateliê. Quando estou na floresta, ouço o vento balançar a copa das árvores e resolvo dançar a melodia que escuto, estou em ateliê. Quando junto moldo uma escultura a partir de meus processos terapêuticos e levo para minha analista, estou em ateliê.

Percebo, neste processo de pesquisar, que meu primeiro ateliê foi meu corpo. Desde tenra idade, meu corpo foi sustentando todas as criações e tensões que comigo ocorriam. Meu corpo foi o espaço seguro para onde sempre me voltei. O lar para onde eu retornava ao fim do dia. Nunca foi um espaço físico, mas foi sempre um corpo, o meu corpo.

Ao desfazer de um espaço físico pelo qual foi necessária alguma luta, compreendo de forma profunda que o artista-mago existe para além de uma estrutura material, se fazendo presença sempre que houver intenção, magia e criação. Todas amparadas neste corpo que agora escreve estas palavras. Foi a partir da carta que abre esta seção, e do conhecimento aqui trazido, oriundo da experiência artística que meu oráculo ganha nome “*Oráculo corpo-ateliê*”. Eis aqui a prova de que uma pesquisa em artes é uma pesquisa viva. Teoria sendo gerada a partir dos meus processos de vida, atravessando meu corpo.

Corpo esse que age artisticamente e magicamente através da performance.

III Performance Como Cura



Figura 3. Cartas Lygia e Marina. Tinta acrílica e guache. Fonte: Arquivo pessoal.

Quando decidi participar das aulas com o Nadam Guerra, me permiti também me curar. Intencionava que esta jornada fosse uma caminhada profunda em direção ao meu interior. Não almejava produzir obras que fossem mostradas aos outros. Queria apenas um mergulho nas camadas mais necessárias de mim mesmo. O mundo à minha volta parecia estar colapsando. E eu queria que a arte fosse meu porto seguro. Jamais imaginava que seria ela própria – a arte – a primeira a colocar o dedo nas minhas feridas, sem se importar nenhum pouco com a dor. Não esperava também que seria ela, que propiciaria a cura mais potente que eu já havia sentido.

Não lembro exatamente de como descobri Marina Abramovic. Mas tenho a sensação de que foi um momento sincrônico e impactante. A artista sempre foi minha grande referência, até mesmo quando nem cogitava tornar-me artista. Hoje, olhando em retrospectiva, talvez seja por causa de seu tensionamento entre corpo e mente. Talvez eu tenha

isso em comum com ela. Ou seja, porque me percebo enquanto um neófito das tradições mágicas, iniciando uma jornada iniciática como artista, mas também como pesquisador. Portando as ferramentas mágicas da criação artística, talvez a performance possa tornar-se meu ritual de iniciação.

Partindo da definição de ritual previamente elucidada, parto para pensar a performance como uma linguagem capaz de promover a transcendência. (Cohen, 2007). Modo de transcender aquilo que já está dado, definido, concebido. A performance se aproxima a ponto de quase virar sinônimo da proposta de ritual. Também para Cohen (2007), tal linguagem agirá de maneira ritual com os questionamentos existenciais, utilizando distintos recursos para além do esperado ou do conceitualizado. O ritual é então um permitir que o inconsciente envie sua mensagem, auxiliando na construção da obra performada.

Um ritual pensado como performance é um padrão de ações que expressa uma ideia, não sendo o ritual em si uma ideia, mas sim a expressão desta ideia (Schechner, 2013). O ritual torna-se o método, a técnica, permitindo que o corpo desenhe sua ideia na materialidade enquanto performa. Há na performance a materialidade efêmera daquilo que se cria, que penso ser uma potente forma de magia, ao modificar a si mesmo e ao espaço através de sua existência em um tempo-espaço.

No entrelaçamento proposto entre arte e magia, o ritual enquanto performance surge como ferramenta para reivindicar o espaço de cura da arte. Dentre as artistas de performance, destaco Marina Abramovic, artista sérvia que inicia sua carreira da década de 70, tornando-se a principal referência em performance e uso do corpo no processo artístico. Damasceno (2019) elenca a artista como uma artista-magus, por performar uma integração entre arte e magia, trazendo em suas obras a essência de uma jornada de cura.

É no filme *Espaço Além* que Marina percorre o Brasil, dialogando com distintas tradições de curas espirituais e mágicas. Fica evidente a relação dos curadores com o trabalho proposto por Marina, que em suas performances expande o corpo e a mente para dimensões que são comumente acessadas por xamãs. Como no *Método Abramovic*, processo criado por Marina que prepara artistas de performance através de uma intensa experimentação do corpo e da mente, se percebe a semelhança com práticas até então consideradas espirituais/mágicas.

Parte do método fez parte da exposição *Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI*, que ocorreu em 2015 no Sesc Pompéia, em São Paulo. Durante duas horas e meia, o público vivenciaria parte dos exercícios criados para o método, como participantes ativos da performance em si. Em diversas falas para a mídia, Marina afirma que o método parte de todos os seus anos de estudo e prática, assumindo as influências de tradições espirituais na criação de tais exercícios. A artista torna-se a magus que prepara outros artistas magus para a arte – e para a vida.

Da mesma forma, Nadam Guerra (DAMASCENO, 2019) cria o acompanhamento/curso “A arte do Tarot e o caminho do artista mago” que já se encontra em sua 14ª edição. A partir de sua experiência e seu trabalho prático e teórico, Nadam cria também seu próprio método, orientando novos artistas-magus a produzirem arte e vida. A experiência nesta jornada tem sido o que me levou a criar a partitura de minhas performances/psicomagias.

Psicomagia (Jodorowsky, 2009) é um ato poético, mágico e teatral que constitui uma verdadeira performance de cura. Ao prescrever estes atos para seus clientes, Jodorowsky oportuniza que tais sujeitos investiguem suas questões pessoais e realizem uma ação para transformar – espiritualmente e psiquicamente – tais situações.

Particularmente, identifico a criação das psicomagias como partituras de uma performance, que serão colocadas em prática em momento oportuno.

A psicomagia é algo íntimo e pessoal, o que remete à definição de performance por Gómez-Peña (2005) ao trazer que tal ato é uma parte exclusiva de nós, e que optamos por compartilhar com os outros. Ou não. Em determinado momento de nossas aulas, uma imagem surge em minha mente, tão logo começo a investigar minha árvore familiar. Minha percepção enquanto um feto que está ligado pelo cordão umbilical a um espelho redondo. Flutuando em um espaço completamente vazio, me encontro à beira de meu próprio nascimento.

Tal imagem ficou gravada em minha mente-corpo por um bom tempo, até que, ao trazê-la para uma orientação, a professora Alexandra sugere que eu faça uso dos *objetos relacionais* de Lygia Clark. Rolnik (2002) descreve como a artista aplicava tais objetos, nas sessões que *Estruturação do Self*, e uso como ponto de partida. Abaixo, compartilho uma passagem de meus registros de tal experiência:

Tenho diante de mim uma série de objetos inspirados no processo de Lygia Clark. Tenho uma escultura de um osso que criei com argila escolar quando estava muito bravo (e que encaixa perfeitamente entre meus dedos). Tenho também alguns objetos unidos por uma meia, com pesos distintos em suas extremidades. Criei ainda uma embalagem plástica preenchida com água. Com meu corpo nú, me deito no chão de um espaço qualquer da casa onde agora estou. Não há necessidade de um espaço específico. Afinal, meu corpo é meu principal ateliê. Passo, lentamente, cada objeto por toda a extensão de meu corpo. Eu sou neste momento o artista-terapeuta-cliente. Não sinto absolutamente nada. Talvez eu seja uma fraude. Sinto meu corpo ser preenchido por uma agonia. Me aplico o último objeto: o plástico cheio de água. Sinto meu corpo vibrar de êxtase,

com o frio causado pelo líquido. Deito-me no chão e coloco o saco plástico em meu rosto. E com tal ato, minha mente salta para dentro.

Sou transportado para minha posição enquanto feto. Me sentindo desconfortável e em total desespero neste ambiente aquoso. Quero sair daqui o mais depressa possível. Mas percebo que minha presença não é desejada do outro lado. Mesmo assim, sinto a urgência em sair dali. Lágrimas jorram pelos meus olhos, e num rápido movimento, retiro o saco de meu rosto. Não faço ideia de quanto tempo a experiência durou. Mas ao me encontrar nú, agora sentado ao chão, tenho apenas uma certeza. Eu preciso nascer.

Estudo tarot desde minha adolescência e sempre aprendi que o oito de copas remete aos nossos processos de iniciação. Aqueles momentos de nossas vidas em que precisamos parar, olhar para o que construímos e onde estamos e entender que, provavelmente, boa parte do que está diante de nós já não nos serve. É o desprender-se de tudo o que já está manifestado e iniciar uma nova jornada.

Quando partilho a experiência que tive com os objetos, que entendo como um ato de psicomagia em si, passo a olhar minha vida de uma outra forma. Assumo os espaços que ocupo e me geram desconforto. Compreendo que há cordões que precisam ser cortados. Mas decido engavetar a performance pública que daria nascimento ao meu eu artista. Descubro, partindo da jornada na pós-graduação em artes, no processo do Artista-Mago e em minha própria vida, que a jornada iniciática está apenas começando e é meu corpo, o ateliê que sustenta tal iniciação.

IV Si-mesmo Parindo a Si-Mesmo

Acredito que a proposta da pesquisa em artes é atravessar a vida como um todo. Realizar uma pesquisa que envolve nosso corpo-ateliê-alma é uma investigação viva daquilo que ocorre e gera conhecimento.

A performance, cuja partitura surge deste processo investigativo, simboliza meu próprio parto. Mas aquele em que eu mesmo estou parindo a meu self. Embora tal ato ocorra posteriormente, dou à luz agora há três pontos que marco como conclusão desta escrita: o ateliê, o artista-mago e a pesquisa.

Desfazer-se em ateliê. Alcançando meu objetivo proposto, percebo que para qualquer criação artística é necessário estar em ateliê. Mas que tal conceito não diz respeito ao espaço físico, mas sim a um modo de estar, uma aura que nos percorre e nos preenche nos momentos de criação. Não há ateliê sem corpo. Assim como não há criação sem ateliê. Não estamos 'no' ateliê, mas estaremos 'em' ateliê.

O artista-mago sempre esteve em mim. Mas ao entrar em contato com outros semelhantes, sendo conduzido a olhar minha vida como um grande e único processo de criação, dou luz ao artista que ali estava presente. O mesmo com a pesquisa. Este é meu primeiro trabalho com foco de publicação, assim, gestei também um pesquisador. E compreendi que a pesquisa em artes é uma pesquisa viva. Concluo desta forma, que não cheguei a conceitualizar nada, mas pude fazer nascer um artista, um mago e um pesquisador.

REFERÊNCIAS

BECK, Renee; METRICK, S.B. **The art of ritual:** creating and performing ceremonies for growth and change. Berkeley: The Apocryphile Press, 2009.

CATTANI, I.B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero:** metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

DAMASCENO, J.C.G. **Como tornar-se um artista mago**: experiência e criação entre arte e magia ou aprendizados da Virgem do Alto do Moura e do Materializador de Sonhos. Tese (doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

JODOROWSKY, Alejandro. **Psicomagia**. São Paulo: Devir, 2009.

JUNG, C.G. **A energia psíquica**. Petrópolis: editora vozes. 2008.

KIESEL, W.J. **Magic circles in the Grimoire tradition**. Emerald City: Ouroboros press, 2015.

MCNIFF, Shaun. **Art as medicine**: creating a therapy of the imagination. Boston: Shambhala Publications, 1992.

MCNIFF, Shaun. **Art heals**: how creativity cures the soul. Colorado: Shambhala Publications, 2004.

MOORE, Alan. Magia: sacudiendo tus venas como un relámpago. **El Estado Mental**, 10 jul. 2016. Disponível em: <https://elestado mental.com/diario/magia>. Acesso em: 19 maio 2023.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

ROLNIK, Sueli. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Percursos – Revista de Psicanálise**, ano VIII, nº 16, p.43-48. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo, 1º semestre de 1996

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. Terceira edição. UK: Routledge, 2013.

ZORDAN, Paola. Ateliê como prática de liberdade. **Palíndromo**, v.11, n. 25, p 52-63. Set-dez 2019.